

MARCIO MOREIRA ALVES



de Brasília

Viagem ao México

• A viagem do presidente Fernando Henrique ao México é diferente das 15 outras que fez, no decorrer de seu primeiro ano de mandato. Puramente política, foi decidida durante o encontro de presidentes latino-americanos em Bariloche. Ernesto Zedillo fez o convite e lançou um desafio: quero ver se nós dois conseguimos tirar as relações entre os nossos países do marasmo em que se encontram. Fernando Henrique topou na hora.

As viagens presidenciais costumam incluir uma extensa pauta econômica, fruto de longa preparação e cuidadosos contatos. A parte política habitualmente se restringe aos assuntos internacionais que possam interessar a ambas as partes, como a reforma das Nações Unidas, inclusive a ampliação do seu Conselho de Segurança.

Desta vez será diferente. O importante é o simbolismo político da presença do presidente brasileiro. A pauta econômica será mínima, embora a soma do PIB dos dois países chegue a perto de um trilhão de dólares, o que é uma quantia respeitável. O México exportou, no ano passado, mercadorias no valor de 80 bilhões e importou 72 bilhões, conseguindo um superávit de 7.397 milhões na balança comercial, o primeiro em cinco anos. A maior parte deste comércio foi com os Estados Unidos e o Canadá, seus parceiros no Nafta.

Com o Brasil, a soma de importações e exportações mal chega a um bilhão por ano. É dinheiro, mais que o nosso comércio com Portugal ou com a Espanha, mas é pouco em relação aos nossos fluxos comerciais globais.

O ditador Porfírio Díaz já dizia: "Pobre México, tão longe de Deus, tão perto dos Estados Unidos." A atração dos mexicanos pelo Norte é fatal e inevitável. Todos os anos, há cerca de 80 milhões de cruzamentos na fronteira de 3.107 quilômetros que têm em comum, sem contar os imigrantes clandestinos que, acossados pela recessão que encolheu o PIB mexicano em 7% no ano passado, aceitam riscos para entrar nos Estados Unidos.

Ao longo das décadas de 70 e 80, as relações políticas e econômicas entre os países latino-americanos tinham caráter quase exclusivamente bilateral. Já se haviam criado a Aladi e o Pacto Andino, mas as negociações importantes se realizavam país por país. A partir da criação do Mercosul e do Nafta, a situação mudou. As relações privilegiadas passaram a ser entre subsistemas regionais. Só que o subsistema Nafta tem os Estados Unidos como cabeça, enquanto o subsistema Mercosul tem como líder a economia brasileira.

Essa assimetria torna também desiguais as relações políticas. O centro de decisões do Nafta está em Washington, enquanto que o do Mercosul está em São Paulo e Brasília.

Os economistas americanos venderam o neoliberalismo ao presidente mexicano Carlos Salinas de Gortari, aliás formado em Harvard. Todas as suas recomendações foram atendidas: a maior parte das estatais foi vendida, o mercado interno foi escancarado, houve liberdade para a entrada e saída de capitais especulativos, o siste-

ma bancário foi internacionalizado. O Governo Salinas de Gortari segurava a paridade do peso com o dólar a ferro e a fogo, como alguns economistas dizem que estamos fazendo hoje com o real. Os déficits da balança comercial foram se acumulando: 16 bilhões em 1992, 13,5 bilhões em 1993, 28 bilhões em 1994. Um especulador americano contou que tirou o seu dinheiro do México no dia em que constatou ser o preço da tortilha fabricada no Texas menor que o da feita no país. O componente nacional das exportações de manufaturados mexicanos, por outro lado, foi diminuindo, passando de 80,2% em 1982 para 32,6% em 1994. Progressivamente, o país foi se tornando uma imensa empresa maquiladora, que interessava aos americanos pela menor carga fiscal e pelo baixo preço da mão-de-obra. O salário-mínimo anda lá por volta de 70 dólares por mês.

Apesar dos riscos que o neoliberalismo trazia, ninguém os viu. O México foi apresentado pelos economistas e políticos do Primeiro Mundo, americanos na cabeça, como um exemplo de sabedoria, bom comportamento e sucesso, a ser seguido pelos demais latino-americanos, Brasil inclusive. Lembro-me de um seminário de homens de negócios no Rio, promovido por um dos gurus da consultoria econômica, onde um ex-ministro mexicano contou a sua história, para a inveja e o aplauso dos brasileiros basbaques.

Um dia de dezembro do ano passado, o sonho acabou. A bolsa de valores despencou, o peso foi sendo desvalorizado dia a dia, os bancos quebraram, o dinheiro para pagar os empréstimos externos evaporou-se. Uma decisão política do presidente Clinton, que emprestou 20 bilhões das reservas americanas e pressionou os seus parceiros do G-7 e as instituições financeiras internacionais a entrarem com as suas cotas de sacrifícios, salvou momentaneamente a situação. O presidente Salinas de Gortari, envolvido diretamente ou através da família em assassinatos e negócios com drogas, auto-exilou-se nos Estados Unidos. Quando sentiu a barra pesar por lá, pediu abrigo a Fidel Castro e hoje vive em Havana.

O resultado do desastre, que acabou afetando a Argentina e quase provoca uma crise cambial no Brasil, foi a completa desmoralização do México no cenário internacional. O presidente Zedillo tenta mear a crise através de um ajuste brutal da economia, mas precisa de ajuda. A viagem de Fernando Henrique tem esse propósito de solidariedade. Deve mostrar que o Brasil acredita na seriedade do atual Governo mexicano e com ele quer negociar.